

Coletivo de Resistência Artística Periférica (CORAP) entre reivindicações e resistência: usos e apropriações do *Facebook* na lógica da comunicação em rede¹

Amanda Rosiéli Fiuza e Silva²

Liliane Dutra Brignol³

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

Resumo

O artigo parte da discussão sobre o movimento *hip hop* e a reconfiguração da forma de organização e resistência frente à perspectiva da “sociedade em rede” e da “autocomunicação massiva” (Castells, 1999; 2008). Buscamos compreender quais são os usos e apropriações feitos pelo Coletivo de Resistência Artística Periférica (CORAP) da rede social intitulada *Facebook*. Para tanto, adentramos numa observação exploratória da página oficial do CORAP na rede social, coletivo atuante no movimento *hip hop* na cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul. Os resultados da investigação são referentes à análise das publicações do coletivo dos meses de fevereiro, março e abril de 2016. Para fins de análise, compreendemos o *Facebook* como um ambiente comunicacional que proporciona ampliação nas formas de participação cidadã e caracteriza-se como um importante espaço de visibilidade e resistência dos movimentos sociais.

Palavras-chave: Movimento *hip hop*; Coletivo de Resistência Artística Periférica (CORAP); Resistência; Sociedade em rede; *Facebook*.

Neste artigo⁴, buscamos analisar sobre como o Coletivo de Resistência Artística Periférica (CORAP) de Santa Maria, Rio Grande do Sul, insere-se nos espaços virtuais, especificamente, no âmbito da rede social intitulada *Facebook*, configurando-o como um espaço comunicacional que vem sendo apropriado de modo crescente por movimentos sociais, coletivos culturais e outros grupos. Pretende-se pesquisar como a

¹ Trabalho apresentado no DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 15 a 17 de junho de 2017.

² Mestranda em Comunicação Midiática pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (POSCOM-UFSM). Bacharela em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda pela UFSM. E-mail: rosieliamanda@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora Doutora do Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (POSCOM/UFSM). E-mail: lilianebrignol@gmail.com

⁴ O artigo integra parte do projeto de dissertação de mestrado, ainda em desenvolvimento, orientado pela Prof^a Dr^a Liliane Dutra Brignol – Docente do Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria.

internet, a partir da análise da rede social, pode ser plataforma importante para o processo de organização e comunicação do coletivo em um contexto denominado de “sociedade em rede” (CASTELLS, 1999). Compreender, a partir dos conteúdos publicados na página da rede social, como se constrói o processo de resistência e quais são as características da identidade coletiva que são reafirmadas ou representadas nas interfaces que envolvem o processo comunicacional do CORAP no *Facebook*.

Observamos que nos últimos tempos o potencial mobilizador das redes transformou as formas de atuação e organização dos movimentos sociais, tais como nos indicam Castells (2008; 2010), Scherer-Warren (2006), entre outros. As redes sociais online possibilitaram novos espaços de visibilidade, busca por reconhecimento e resistência. Por essa razão, é importante entender a inserção do CORAP em espaços de autonomia produtiva, isto é, ambientes comunicacionais em que os próprios integrantes do coletivo podem criar e gerenciar os conteúdos publicados na sua página da rede social. Neste sentido, é imprescindível avaliar quais são os usos e apropriações feitos pelo Coletivo da rede social online e como reforçam suas práticas de reivindicação e contestação social nesse novo espaço de reconhecimento.

O Coletivo de Resistência Artística Periférica (CORAP) existe desde 2010 e foi fundado na Zona Oeste de Santa Maria, Rio Grande do Sul, sendo bastante reconhecido na cidade por ser um propulsor da cultura *hip hop*. Atua organizando vários eventos e também participa de mobilizações sociais em prol de causas sociais que reivindicam a igualdade e a extinção dos preconceitos ou qualquer forma de discriminação, ou seja, uma sociedade mais igualitária e menos excludente. Inicialmente o coletivo era composto por alguns Mestres de Cerimonias (*MC's*) e, atualmente, reúne *rappers*, grafiteiros, *b.boys*, estudantes, jornalistas, divulgadores, colaboradores e demais interessados em fortalecer a identidade periférica⁵.

O Coletivo de Resistência Artístico Periférica, no ano de 2014, ganhou o certificado no 1º Prêmio Diversidade RS, promovido pela Secretária do Estado da Cultura (SEDAC), sendo reconhecido pela sua atuação como agente cultural na cidade de Santa Maria, sobretudo, na cena *hip hop*. Entre os eventos que promovem destacam-se o Guerrilha da Paz, premiado pelo Ministério da Cultura em 2010, que visa à construção de uma cultura de paz baseada no protagonismo social das camadas populares, na livre expressão e na educação transformadora. Este evento já teve sete

⁵ Informações obtidas por entrevista realizada pela pesquisadora com uma das integrantes do Coletivo de Resistência Artística Periférica.

edições em bairros e vilas da cidade e propõe-se a promover atividades que estimulem a liberdade de expressão e o aprendizado. O *Hip Hop* na Pracinha foi criado no intuito de rediscutir os espaços culturais da cidade e promover a criação espontânea. A Batalha dos Bombeiros é um evento realizado esporadicamente, na segunda sexta-feira de cada mês, na cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul. Ocorre em espaço público central da cidade, mais especificamente, na Praça Menna Barreto, popularmente conhecida como “Praça dos Bombeiros”. A Batalha visa promover a cultura de rua e, além disso, segundo os organizadores, tem a intenção de difundir a cultura de rima e fortalecer a cultura *hip hop* na cidade. A justificativa para a utilização da praça é reforçada pela ideia de criar ou revitalizar espaços para a cultura periférica na cidade, fazendo uso dos espaços públicos disponíveis e geralmente pouco frequentados⁶.

A partir desse panorama, esta pesquisa se configura como uma primeira aproximação do objeto de pesquisa que visa entender como o Coletivo de Resistência Artística Periférica se insere e faz uso das redes sociais, especificamente, do *Facebook*.

1. Entendendo o caráter de resistência do movimento *hip hop*: breve contextualização do seu surgimento

Segundo Herschmann (2005), o movimento *hip hop*⁷ surgiu em meados da década de 70 nos subúrbios dos Estados Unidos da América (EUA), mais precisamente na Zona do Bronx⁸. O contexto social era de descontentamento por parte da população negra local que era submetida a severas políticas de segregação social e a truculência policial.

Coutinho (2008) entende que a precariedade da infraestrutura dos guetos e carência em todos os níveis de políticas que contemplassem a população negra fez com que algumas associações comunitárias fossem fundadas, tendo em suas lideranças importantes nomes, tais como os militantes Malcolm X e Martin Luther King. Os dois militantes tinham como consenso a importância dos negros desenvolverem sua capacidade de organização política. Em 1968 Luther King foi assassinado inflamando os ânimos da população e impulsionando várias manifestações raciais nos EUA.

⁶ Informações obtidas através de entrevista realizada pela pesquisadora com uma das integrantes do Coletivo de Resistência Artística Periférica.

⁷ Denominado também de cultura *hip hop* devido ao duplo caráter cultural e sociopolítico das expressões artísticas, ambas as expressões estão corretas (Herschmann, 2005).

⁸ Gueto negro e caribenho localizado na região norte de Nova Iorque.

Concomitantemente, alguns movimentos sociopolíticos que reivindicavam a igualdade de direitos civis foram fundados. Os mais proeminentes foram o movimento *Black Power* e o *Black Panther Part(BPP)*⁹, suas ideologias estavam fundamentadas na afirmação do orgulho da identidade negra e nos ideais libertários que promovessem a autonomia da população negra. O BPP foi extinto pela FBI em 1982.

Neste contexto de lutas, enfrentamentos e precariedade estrutural dos guetos que o movimento *hip hop* eclodiu como um movimento cultural que propunha disputas que utilizassem a criatividade ao invés da agressão física. O objetivo era propor um ambiente de paz em meio aos conflitos já existentes. Surgiu com o ideal de transformar a dura realidade que os moradores dos guetos estavam enfrentando, visando que por meio das expressões artísticas os jovens pudessem expressar seus descontentamentos e aspirações (HERSCHMANN, 2005).

O movimento *hip hop* é oriundo das ruas e tem na sua gênese a resistência social através das práticas culturais. Foi no âmbito das ruas que os membros do movimento *hip hop* encontraram espaço para vivenciar suas experiências e transformá-las em manifestações artísticas com cunho fortemente sociopolítico, ou seja, reivindicatório. Segundo Herschmann (2005), a cultura *hip hop* é composta por quatro elementos principais: Mestre de Cerimônia (*MC*), *Rap*, *Grafite* e *Break*. O *MC* é responsável por fazer as mixagens das músicas. O *rap* é o gênero musical da cultura ou movimento *hip hop*. O grafite é a expressão artística do movimento *hip hop* que utiliza a técnica do desenho para realizar suas contestações sociais. *Break* é a prática do movimento que trabalha com a dança, ou seja, movimentos e expressões corporais.

2. Reconfigurações na rede: organização, resistência e construção de identidade coletiva do movimento *hip hop*.

As novas tecnologias de comunicação e informação (TIC's) nos permite observar a reconfiguração do panorama de atuação dos movimentos sociais. Ao passo que percebemos a redefinição dos modos de articulação e a construção de novos espaços de visibilidade e organização das mobilizações sociais. A internet é uma estrutura comunicacional que possibilita maior participação cidadã em um contexto de “sociedade em rede” (CASTELLS, 1999). Neste sentido, a internet pode ser entendida como um ambiente comunicacional que, entre outras potencialidades, possibilita o

⁹ Traduzido para o português é denominado Partido dos Panteras Negras (BPP), originalmente denominado Black Panther Party for Self-Defense (Partido Pantera Negra para Auto Defesa).

fortalecimento dos movimentos sociais e o desenvolvimento de novas experiências comunicacionais.

O novo paradigma tecnológico ampliou o poder de participação e organização dos movimentos sociais. Castells (2008), ao expor as modificações e possibilidades que as novas tecnologias de comunicação e informação oportunizaram aos movimentos sociais, num contexto específico de sociedade em rede, disserta que “os novos meios de comunicação digital constituem sua forma organizativa mais decisiva [...] os atores sociais estão evoluindo agora para novo modelo organizativo baseado na comunicação através das redes” (CASTELLS, 2008, p.2). A internet para os movimentos sociais se configura como “uma plataforma essencial para o debate, seus meios para atuar sobre a opinião pública e, em última instância, serve como sua arma política mais potente” (CASTELLS, 2008, p. 2). Todavia, assim como nos alerta Castells (2008), não podemos cair no determinismo tecnológico atribuindo todo poder de mudança à tecnologia. Sendo assim, precisamos atentar que os movimentos sociais não surgiram a partir das tecnologias, todavia é inegável que as TIC’s possibilitaram a reconfiguração dos modos de atuação e organização dos movimentos sociais. Neste contexto, entendemos as redes sociais como espaço onde os atores sociais possui certa autonomia para construir suas representações, reivindicações, mobilizações e como novo espaço de relações de poder que pode ampliar a capacidade de organização e atuação coletiva, caracterizando-se como um dos variados espaços de articulações e interações entre os movimentos sociais.

Castells (2008) disserta sobre poder e relações institucionais a partir das diversas estruturas da sociedade. Entende que “na nossa sociedade o poder é o poder da comunicação” (CASTELLS, 2008, p.1). O autor apresenta o termo “autocomunicação massiva” que se configura como um novo tipo de comunicação que transforma a lógica comunicacional. A autocomunicação massiva acaba por transformar os domínios da comunicação e possibilita um fluxo de comunicação horizontal.

Para Castells (2008), a construção das redes de comunicação autônomas é fundamental para contrapor os grandes conglomerados de mídia. Pela razão que como reconhece Coutinho (2008), existem grandes corporações midiáticas que possuem a capacidade de criar o consenso necessário à dominação. Por outro lado, o autor expõe que no âmbito da sociedade civil existem “inúmeras experiências culturais e comunicacionais de contestação, pressão e resistência” (COUTINHO, 2008, p. 09).

Herschmann (2008) aborda que os jovens da periferia no discurso midiático aparecem, frequentemente, relacionados à criminalidade, sendo a partir dessas representações que o “*status* de realidade social” é construído, ou seja, que se constrói o imaginário social. Então, a mídia, através do recorte negativo da comunidade periférica, acaba contribuindo com a generalização e da imagem dos jovens da periferia. Como também percebemos que uma das vertentes do movimento *hip hop* tem grande resistência para se submeter à lógica dos grandes conglomerados da mídia. Sendo que na maioria das vezes seus *rap*’s trazem severas críticas aos meios de comunicação hegemônicos.

Castells (2010) ao dissertar sobre os fatores que influenciam na construção de uma identidade nos diz que “a construção social da identidade sempre ocorre em um contexto marcado por relações de poder [...]” (CASTELLS, 2010, p.24). O autor, dentre três tipos diferentes de identidade, apresenta-nos a concepção de identidade de resistência e identidade de projeto, a qual nos será rica nessa investigação. Para o autor identidade de resistência é “criada por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação” (CASTELLS, 2010, p.24). Na construção dessa identidade os atores sociais seriam capazes de sobreviver e resistir a partir da construção de princípios opostos as instituições da sociedade. Já identidade de projeto está relacionada à construção de uma nova identidade que é capaz de redefinir a posição social dos atores sociais e de buscar transformação de toda a estrutura da sociedade. (CASTELLS, 2010). Hall (2014) nos contempla afirmando que no mundo pós-moderno vivenciamos o avanço de expressões poderosas de identidade coletiva. O autor aborda que à construção da identidade do sujeito pós-moderno está fortemente relacionada aos novos movimentos sociais (HALL, 2014).

A partir dessa perspectiva compreendemos o movimento *hip hop* como “forma de resistência coletiva diante das opressões” (CASTELLS, 2010, p.25) vivenciadas pela maioria dos seus integrantes, resultando na “construção de uma identidade defensiva nos termos das instituições/ideologias dominantes” (CASTELLS, 2010, p.25). A cultura *hip hop* é percebida como movimento de resistência sociopolítica que, por meio das expressões culturais, “material cultural” (CASTELLS, 2010) que são os subsídios que os atores sociais utilizam para construir suas identidades de projeto, do movimento *hip hop* revelam os déficits estruturais da sociedade, os processos de exclusão, racismo, preconceito e violência que a população pobre e periférica está submetida. Coutinho (2008) aborda que o movimento *hip hop* utiliza formas de expressões artísticas culturais

para desmascarar o “mito da sociedade democrática”, a partir do momento que expõe as desigualdades sociais, as mazelas das comunidades periféricas, às diferenças de oportunidades e tratamento dado aos moradores da periferia. Dialogamos com Herschmann (2005) que complementa “regime democrático que, mesmo reinstalado desde a década de 80, não conseguiu concretizar efetivamente a cidadania nem oferecer melhores condições de vida” (HERSCHMANN, 2005, p.38).

Nesse cenário de relações conflituosas que estão em jogo relações de poder e resistência compartilhamos da ideia do Coletivo de Resistência Artística Periférica como um coletivo de “contrapoder” (CASTELLS, 2008). Para Castells (2008), contrapoder é “a capacidade dos atores sociais para desafiar e mudar as relações de poder institucionalizadas na sociedade” (CASTELLS, 2008, p. 1).¹⁰ Além disso, entendemos a construção da identidade coletiva a partir do contexto da sociedade em rede, visto que a construção da identidade sempre está atrelada a um contexto específico. A inserção do CORAP em ambientes virtuais sinaliza uma forma de representação e de resistência frente aos mecanismos de controle social e opressão. Segundo Coutinho (2008), é preciso “reconhecer a maneira como se dão os processos de dominação em nossa sociedade, particularmente nos espaços populares” (COUTINHO, 2008, p.62). O autor complementa afirmando que o fato de não escutarmos a fala das favelas não significa que a população que mora nas periferias não tenha nada a dizer, mas sim, porque suas vozes são silenciadas pelos mecanismos de controle social.

A partir disso, entendemos que o CORAP, ao se inserir nas redes sociais e construir sua lógica comunicativa dentro do espaço do *Facebook*, tem a possibilidade de ampliar seu poder de atuação e de reivindicação social, apresentando a partir de uma comunicação horizontal as desigualdades sociais existentes na sociedade e, também, revelando as expressões culturais do *hip hop* que contribuem para construção da identidade de resistência do coletivo.

4. Coletivo de Resistência Artístico Periférico: usos e apropriações do *Facebook*

Para fins de análise, observamos a página do Coletivo de Resistência Artística Periférica (CORAP) durante três meses de publicações, relativa aos meses de fevereiro, março e abril de 2016. Apoiamo-nos em estudos dedicados aos métodos de pesquisa para internet (HINE, 2004) e (FRAGOSO, RECUERO e AMARAL, 2011). Então, pela

¹⁰ “Por contrapoder entiendo la capacidad de los actores sociales para desafiar y finalmente cambiar las relaciones de poder institucionalizadas en la sociedad” (CASTELL, 2008, p.1)

perspectiva de Hine (2004) a qual considera que a etnografia para internet deve observar com detalhes as formas em que se experimenta o uso de uma tecnologia, ou seja, devemos analisar como se constituem as relações e experiências naquele contexto em específico. Para Hine (2004), “a etnografia consiste em que um investigador imerja ao mundo que estuda por um tempo determinado e tome em conta as relações, atividades e significações que se forjam nos processos sociais dos que estão envolvidos nesse mundo” (HINE, 2004, p.14)¹¹.

O Coletivo de Resistência Artística Periférica (CORAP) existe desde 2010 e foi fundado na Zona Oeste de Santa Maria, Rio Grande do Sul. A página oficial do CORAP no *Facebook* foi criada em 2012 e tem 3.136 curtidas¹². A foto de capa da página é uma imagem onde aparecem várias pessoas gesticulando com as mãos, esta foto foi capturada no final da 42ª Batalha dos Bombeiros. Já na descrição que se encontra na página oficial do coletivo no *Facebook*, o CORAP se coloca como um coletivo que tem o intuito de difundir a cultura *hip hop* do interior do estado e através dela promover um grande debate sobre a participação popular e direitos humanos. O CORAP, na descrição da página, intitula-se como movimento que atua em prol de diversas causas sociais, cita a política de ações afirmativas, a luta antimanicomial, a pluralidade religiosa contra a demonização de qualquer tipo de religião, luta feminista que visa combater o machismo, a liberdade de orientação sexual, entre outras. Tem como princípios fundamentais a inclusão, a identidade periférica e a participação popular.

A página do Coletivo é atualizada com frequência. Entres os meses analisados observamos que o mês com maior índice de postagens na página foi em março, somando ao total 20 publicações, já nos meses de fevereiro e abril, respectivamente, foram realizadas 9 e 16 postagens. O ambiente comunicacional da página é composto por publicações variadas, abrangendo temáticas diversificadas que estão relacionadas às lutas sociais com as quais o CORAP se identifica. O coletivo publica notícias com cunho político, mas não se identifica como filiado a nenhum partido político.

Percebemos postagens que contém elementos que são representativos do movimento *hip hop* referentes, na maioria das postagens, ao gênero musical denominado *rap*. As demais expressões culturais do movimento *hip hop* também são valorizadas nas publicações, todavia, aparecem em menos quantidade. Os vídeos ou

¹¹ Tradução realizada pela pesquisadora.

¹² Números contabilizados até o último considerado para análise da página oficial do CORAP na rede social.

clipes aparecem com frequência nas postagens, demonstrando os trabalhos e produções tanto dos *rappers* locais, nacionais e internacionais. Os clipes ou as produções de *rappers* de Santa Maria, geralmente trazem nas legendas frases de incentivo aos trabalhos locais e ressaltam a importância da resistência da cultura marginal. A última postagem, realizada no dia 29 de abril, tratava de informar sobre o lançamento do primeiro clipe do *MC Fosco*, *rapper* de Santa Maria. A publicação tem como final da legenda “Salve Resistência”.

Ressaltamos a importância de uma publicação do CORAP que traz uma compilação de fotografias, nesta publicação o coletivo informa sobre uma reunião que ocorreu para formação de novos integrantes do CORAP. Na postagem, o coletivo ressalta a importância do diálogo, da troca de ideias e da lógica de comunicação participativa, onde ocorra troca de ideias que contribuam para fortalecer o movimento. A postagem traz informações que relembram a trajetória do CORAP como um movimento que atua dentro e fora da periferia. Ao final da legenda o coletivo reforça a necessidade de potencializar o movimento enquanto “irmãos e irmãs” e deixam um “salve a todos que resistem”.

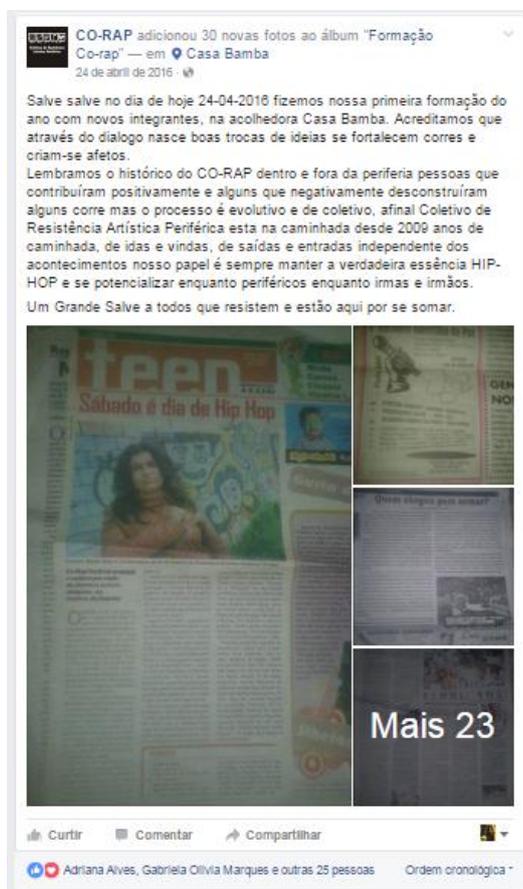


Figura 1: Print da publicação da página do CORAP.

Observamos que o CORAP também utiliza a página como um espaço para divulgação dos eventos relacionados às práticas culturais do *hip hop*. Assim, configurando a rede social em espaço de articulação, organização e divulgação dos eventos da cultura *hip hop* e também de atividades relacionadas a reivindicações sociais. Neste viés, notamos publicações que são convites para eventos culturais e de resistência. Ao mesmo passo, o coletivo divulga os eventos que organiza na cidade, tais como: o *Hip Hop* na Pracinha e a Batalha dos Bombeiros, nestes casos, posteriormente, são feitas publicações específicas com a divulgação das fotos tiradas no evento e agradecimentos. Então, observamos que essas publicações que contém fotografias dos eventos realizados pelo CORAP são as que mais obtêm curtidas e comentários.

Em 2016, momento em que o país passava por uma grande tensão política, percebemos por meio das postagens do CORAP seu posicionamento em relação ao processo de impeachment¹³. Várias publicações na página no mês de março foram referentes a notícias que traziam nomes de *rappers* famosos que são contra o processo de impeachment. Além disso, percebemos também compartilhamentos de eventos organizados na cidade em defesa do governo Dilma. Em todas as publicações a legenda trazia argumentos contundentes, ora contra a mídia que o coletivo chega a intitular como “manipuladora”, outrora contra o “golpe e em defesa da democracia”.

¹³ Em linhas gerais, o processo que pediu o impedimento ou impugnação da então Presidenta da República Federativa do Brasil, Dilma Rousseff – eleita por meio da votação popular em eleições realizadas no ano de 2014 – o processo levou em consideração denúncias de crime de responsabilidade fiscal. O processo de impeachment foi aprovado nas duas instâncias nas quais foi julgado: Câmara e Senado, impedindo Dilma Rousseff de exercer funções políticas. Neste caso, o vice-presidente Michel Temer assumiu no seu lugar até a realização de novas eleições presidenciais.



Figura 2: Print da postagem do CORAP com reportagem via Nação *Hip Hop* Brasil.

Outro momento de posicionamento político pode ser observado quando o coletivo compartilhou o evento do “Frente Brasil Popular – Centro RS”. Evento que ocorreu na Praça Saldanha Marinho no dia 31 de março intitulado como “Nas ruas contra o golpe”.



Figura 3: Print do compartilhamento do CORAP do evento.

Podemos observar que o coletivo se preocupa com temáticas relacionadas ao preconceito racial e as políticas que promovam maior inserção dos negros nos espaços e instituições da sociedade. Através do compartilhamento de um vídeo na página, o qual traz o ator Pedro Cardoso falando sobre cotas raciais. No vídeo o ator é entrevistado por Lázaro Ramos, Pedro Cardoso defende as cotas raciais e disserta sobre os processos de desigualdade que justificam a implementação das políticas de ações afirmativas nas universidades. Este vídeo contribui para defender o direcionamento do CORAP a favor das ações afirmativas.

A apresentação de temáticas que são importantes para a valorização e respeito às mulheres também está presente nas postagens do CORAP. A 42ª Batalha dos Bombeiros foi relacionada ao dia 8 de Março e na publicação na página o coletivo é incisivo ao afirmar que o dia 8 é dia de homenagear, mas também é um dia de luta. Outro momento que cabe salientar é a postagem do vídeo clipe denominado “mulher guerreira” que dialoga sobre as diversas profissões que a mulher pode exercer e que as pessoas devem ter respeito, visto que talento não depende de gênero.



Figura 4: Print da publicação do CORAP.

A análise nos permitiu perceber que os integrantes do CORAP conseguem construir seu espaço de representações no *Facebook*. Nota-se nas publicações o uso da linguagem típica do movimento *hip hop*, caracterizado pelo uso de gírias e dialetos próprios. A posição do coletivo em pertencer à comunidade periférica e de se intitular

como “Coletivo de Resistência Artística Periférica” reforçam traços marcantes do coletivo que podem colaborar para a construção da identidade coletiva deste movimento. As publicações tornam visíveis algumas temáticas pertinentes às lutas sociais do coletivo. Neste caso, configurando a identidade cultural do coletivo associada aos processos de resistência que tenta resolver os problemas de ordem social, especialmente, os que incidem em processos de desigualdade e preconceitos. Sendo assim, podemos contemplar que a “identidade de resistência” (CASTELLS, 2010) do CORAP também é conformada nos espaços da *fan page* do *Facebook*.

Pelo mesmo viés, a reconfiguração da rede social em espaços para articulações entre atores sociais do *hip hop* e como ambiência de visibilidade para reivindicações sociais do coletivo ajuda a conformar o aspecto de “autocomunicação massiva” (CASTELLS, 2008). No *Facebook* do CORAP percebemos que as interações sociais ocorrem num fluxo horizontal onde todos estão no mesmo nível para diálogo, rompendo com a hierarquia do poder de fala. Existe uma linha bastante tênue entre produtores e receptores de conteúdos. Assim, na ambiência da rede social os integrantes do coletivo tornam-se produtores de conhecimento, momentos em que os atores do *hip hop* se reconhecem enquanto detentores de saber, muitas vezes, um saber demonstrado por meio das práticas culturais.

Considerações Finais

O CORAP na rede social *Facebook* tem forte posicionamento sociopolítico, percebemos por meio das suas publicações que o coletivo procura evidenciar questões e temáticas que visam à reflexão sobre os processos de desigualdade social, introduzidos nas problematizações sobre o preconceito racial, políticas de ações afirmativas, valorização e respeito à mulher na sociedade e, também, dentro do próprio movimento *hip hop*. O coletivo deixa nítido que compreende que a cultura *hip hop* é a sua mais potente arma para lutar contra as desigualdades sociais, posiciona-a a todo instante como uma cultura marginal oriunda e mantida nas ruas, construída e desenvolvida pelo povo.

O ambiente comunicacional do *Facebook* é apropriado como um espaço de visibilidade para os trabalhos e produções dos *rappers* da cidade. As descrições das postagens demonstram a valorização pelos trabalhos realizados e desenvolvidos nas comunidades periféricas da cidade. Notamos que existe evidência para as produções

culturais locais e a contribuição destas para a manutenção do movimento *hip hop* em Santa Maria, Rio Grande do Sul. As expressões culturais e práticas oriundas das comunidades periféricas demonstradas nas publicações contribuem para a valorização da cultura periférica. Pelo mesmo viés, pode contribuir para romper com os estigmas sociais que a cultura *hip hop* frequentemente carrega, isto é, para que as pessoas conheçam através dos próprios atores do *hip hop*, não somente pela mídia massiva, as práticas do movimento *hip hop*. Em vista disso, existe fortalecimento da cultura *hip hop* e a unificação das potencialidades da periferia.

Por fim, alertamos que não partimos de uma visão determinista dos usos das tecnologias e ambiências digitais, por isso apesar de analisarmos que *Facebook* é um importante espaço de visibilidade e atuação do CORAP, todavia, precisamos sinalizar também para as restrições e delimitações que a plataforma da rede social impõe ao processo de resistência do movimento. O processo de ampliação da visibilidade das causas sociais pode ser limitado devido à lógica comercial do *Facebook* para alavancar as postagens, sendo que as publicações pagas obtém maior alcance de audiência, por outro lado, as publicações não pagas ficam restritas ao número limitado de pessoas que é sistematizado pelo círculo de curtidas da página. Além disso, há também as restrições referentes aos tipos de interação nas postagens que são basicamente de três: a possibilidade de curtir, comentar e compartilhar. Outro modo de restrição e delimitação bastante relevante é a questão da censura em relação a alguns tipos de conteúdos, os quais a plataforma julgue ir contra sua política interna. Desse modo, podemos notar que nem tudo se configura como somente resistência.

Por fim, evidenciamos que a ambiência da rede social online pode sim tornar-se um espaço de práticas reivindicatórias para os atores do *hip hop*. Sendo assim, configuram-se como espaços em que a identidade do coletivo ou dos atores individuais vai ser conformada e reconfigurada pelas interações proporcionadas pela plataforma da rede social. Todavia, há indícios que a conformação dessa identidade de resistência é atravessada por muitos outros âmbitos e é perpassada por experiências individuais dos atores do *hip hop*. A investigação permitiu compreender parte da interferência das redes sociais no processo de mobilização e reivindicações sociais do Coletivo de Resistência Artística Periférica. Todavia, a análise permitiu refletirmos que o cenário dinâmico das redes sociais digitais amplia e reconfigura as lógicas de organização e articulação dos movimentos sociais, porém as lógicas de comunicação do CORAP vão além do uso das

redes sociais digitais, mas são construídas em dinâmicas bastante complexas e em práticas comunicativas mediadas pelas tecnologias de diferentes formas. Neste caso, torna-se necessário uma análise mais profunda de como essas dinâmicas se interseccionam nos espaços que circundam as vivenciais sociais dos atores do *hip hop*.¹⁴

Referências

- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- _____. **O poder da comunicação**. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015, p.57-190.
- _____. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2010, p. 15-87.
- _____. Comunicación, poder y contrapoder en la sociedad red: Los nuevos espacios de la comunicación. In: **Revista Telos**. n. 75, Abril e Junho de 2008. Disponível em: <<https://telos.fundaciontelefonica.com/telos/articuloautorin invitado.asp@idarticulo=1&rev=75.htm>>. Acesso em: 22 de Abril de 2016.
- COSTA, R.S. Uma experiência com autoridades: pequena etnografia de contato com o hip hop e a polícia num morro carioca. In: VELHO, Gilberto.; KUSCHNIR, K. (Orgs.). **Pesquisas urbanas: desafios do trabalho antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 139 – 155
- COUTINHO, E.G. . A comunicação do oprimido: malandragem, marginalidade e contra-hegemonia. In: RAQUEL, Paiva.; CRISTIANO, Henrique. (Orgs.). **Comunidade e contra-hegemonia: rotas da comunicação alternativa**. Rio de Janeiro: Mauad, 2008, p. 61-74.
- COUTINHO, E.G. **Comunicação e contra-hegemonia: processos culturais e comunicacionais de contestação, pressão e resistência**. COUTINHO, E.G. (Org.). Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.
- FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. **Métodos de pesquisa na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011, p. 27-53; 115-204.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.
- HERSCHMANN, M.; GALVÃO, T. Algumas considerações sobre a cultura hip hop no Brasil hoje. In: SILVIA H. S. Borelli.; JOÃO, Freire. F. (Orgs.). **Culturas juvenis no século XXI**. São Paulo: EDUC, 2008, p. 195-210.
- HERSCHMANN, M. **O funk e o hip hop invadem a cena**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.
- HINE, Christine. **Etnografia virtual**. Barcelona: Editorial UOC, 2004.
- SCHERER-WARREN, ILSE. Das mobilizações às redes de movimentos sociais. In: **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 21, n.1, p. 109-130, jan./abr. 2006.

¹⁴ A complexidade da lógica comunicacional do CORAP que ultrapassa o âmbito das redes sociais será investigada numa amplitude maior no desenvolvimento da minha dissertação.